NO XXVII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1952 — N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

30 de Janeiro . . . . . *Redação*
A Alma Humana, onde se aloja ? . *Alfredo d'Alcântara*
Artur Ramos e o Espiritismo . . . *Deolindo Amorim*
Vozes autorizadas . . . . . *Spártaco Banal*
Livros e Autores . . . . . *Carlos Imbassahy*
A Deus o que é de Deus . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Umbanda, Quimbanda e Contrabanda *Pereira Guedes*
O que vi no Umbandismo . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Espiritismo . . . . . *Gumercindo Lopes Coimbra*
O Sentido Espiritualista da Vida . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1952 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

30 DE JANEIRO

efemérides registra no próximo dia 30 o 14.º aniversário do passamento do nosso muito amado companheiro Cairbar Schutel. Foi nesse dia em 1938, ás dezesseis horas aproximadamente, rodeado dos seus familiares, companheiros e amigos, que Cairbar Schutel empreendeu a grande viagem que tão anciosamente aguardava, rumo ao reino de Deus, onde ingressou, não como um desconhecido, mas como quem era considerado membro de uma família, que êle, a seu turno, conhecia de sobejo, tal a sua fé na existência e sobrevivência do Espírito, que jamais se cansara de prègar, com aquela fé e estoicismo do Apóstolo das gentes, Paulo.

Na véspera do seu passamento, num momento de convulsão, em que todos já o consideravam liberto dos liames terrenos, eis que Cairbar volta e diz: «Eu já estava do outro lado da barreira, sem dores e sem aflições. Voltei atendendo ao chamado dos bons amigos. Mas tenho que passar novamente por isto», dando a entender que a sua partida se verificaria no dia seguinte, o que de facto se realizou.

Logo após o seu desincarne, o povo matonense se dirigia à sua casa e inúmeros amigos e confrades começaram a chegar de diversas cidades do Estado. Notava-se um ar de tristeza em todos os semblantes. Uma preta velha chorando copiosamente e fincando os olhos no corpo inerme do grande morto, exposto à visitação, balbuciou amargamente : «Lá se foi o pai da pobreza». Cairbar, além de continuar a viver, porque a morte é a «Porta da Vida», na ajustada expressão do grande filósofo e pensador Charles Richet, vive também em todos os corações que com êle tiveram a ventura de travar relações, dele recebendo o pão material e o pão espiritual, o remédio para o corpo e o remédio para a alma.

As almas nobres, verdadeiramente cristãs, vivem sempre na lem-

brança da humanidade porque têm o poder de atravessar gerações, e à medida que o tempo avança mais se firmam no conceito de todos pelos seus exemplos, pela sua fé, pelos benefícios prestados a gregos e troianos, em que o espírito de caridade, de amor ao próximo aparece como nota saliente na vida de uma creatura pura.

Quando observamos o surto progressista do Espiritismo em todos os meios sociais e intelectuais, lembramo-nos logo dos vultos espíritas do país, entre os quais aparece em linha paralela, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, vultos que enfrentaram com destemor as maiores dificuldades, lutando quasi sosinhos para venceram, como realmente venceram, o espírito de sistema que não se cansa de perseguir os ideais alevantados, as idéias nobres que visam beneficiar a humanidade em todos os sentidos, como no caso da Doutrina Espírita, que não é criação humana, de concílios e conchavos, mas sim, a exposição das leis divinas, cujo conhecimento é indispensável a todos quantos aguardam um futuro melhor, baseado na justiça e no espírito de fraternidade.

Lá da Pátria Espiritual, que era o objetivo das suas principais cogitações, Cairbar continua no mesmo trabalho, dando cumprimento à sua tarefa de espiritualização e evangelização das almas, incarnadas ou desincarnadas, como Mensageiro da Falange dos Espíritos Superiores, incumbidos de conduzirem as creaturas ao reino de Deus.

Por motivo da passagem do

CAIRBAR SCHUTEL

14.º aniversário do seu passamento, rendemos a Cairbar as nossas homenagens, num culto de amor e veneração, almejando-lhe felicidade, paz e contínuo progresso.

O Espiritismo não se resume apenas na crença nas comunicações com as almas dos mortos. Êle é uma das maiores revelações do Alto e, como tal, sua missão é instruir e guiar os homens na senda da espiritualidade. O seu advento no mundo significa que a humanidade está prestes a transpor as barreiras da materialidade rumo aos altos píncaros da felicidade, o que deve alegrar àqueles que depositaram suas esperanças nas promessas de Jesus.

CAIRBAR.

A Alma Humana, onde se aloja?

ALFREDO D'ALCANTARA

ESTA pergunta paira no ar desde os primórdios da civilização. O próprio Espírito tem dúvidas quanto ao lugar que ocupa no corpo do homem e atira-se à investigações que, até hoje, em vez de resolver o problema, geram controvérsias que retardam o conhecimento da verdade.

O século XIX realizou descobertas tão prodigiosas no terreno da ciência que os sábios resolveram cognominá-lo «século das luzes». Todavia, mesmo ao seu clarão deslumbrante, não conseguimos localizar com precisão a alma no seu esconderijo corporal. O vigésimo século já vai em meio e permanecemos como na alvorada do mundo, com os braços estendidos ao longo do corpo, na atitude dos desanimados, perdidos na floresta sombria das conjeturas e fantasias.

Para a ciência oficial, profundamente materialista, a alma, que não é mais que um conjunto de reações químicas, reside no cérebro. Essas reações, de modo geral, tem lugar do seguinte modo: as impressões externas, captadas pelas terminações da rêde nervosa sensitiva, sobem até as localizações cerebrais correspondentes e aì se transformam em energias especializadas para as funções orgânicas e intelectivas, voltando, para a ação, pela rêde motora. Eis tudo.

Todo portentoso poder do espírito humano, diante disso, se reduz a uma sêrie de reflexos nervosos, sem nenhum contrôlo de uma alma independente, de vez que ela é também, um dêsses reflexos. Consideram-na como uma abstração, efeito e não causa de todo trabalho físico-químico das células gigantes que se distribuem pelos dois hemisférios cerebrais. O pensamento e a memória, as duas mais belas funções da alma humana, são apenas secreções do cérebro, na insensata teoria materialista.

Os espiritualistas, indo mais longe, admitem que há no corpo do homem, controlando-o e presidindo as suas funções intelectuais e sensitivas, um princípio imaterial superior e independente. Como corolário, acham que é imprescindível um lugar de junção entre êsse princípio, que é a alma, e o organismo material em que ela se encontra. Depois de Pitágoras, Platão e Aristóteles, que se perderam no cipoal das divagações em tôrno da «Alma tríplice», teoria antiquissima que a ciência moderna aceita como germe da descoberta das localizações cerebrais, os maiores filósofos e os melhores anatomistas dos séculos XVII e XVIII empenharam toda glória do gênio que lhes incendiava a mente na pesquisa dêsse lugar de eleição.

Sempre foi crença pacífica, entre os espiritualistas que a alma se localizava na cabeça; mas em que ponto? A curiosidade do homem inteligente não tem limites, e muitos se atiraram á tarefa espinhosa de resolver a incognita. Descartes julgou encontrá-lo na glândula pineal, porque é o único orgão médio e ímpar do encefalo, e o cirurgião La Peyronie viu-o no «corpo caloso», substância branca que liga os hemisférios, isto por ter verificado, em experiências e observações, que qualquer lesão dessa parte se faz acompanhar de perturbações do sentimento e da razão.

As religiões de todos os tempos, com excepção do Positivismo que se enquadrou no materialismo ateu, alheiaram-se dessas cogitações. É mais cômodo afirmar a existência da alma, de natureza imaterial, controlando o corpo durante a vida e sobrevivendo-o na morte, sem explicar como se opera êsse domínio do imponderável sôbre a matéria bruta, ou, ao menos, dizer em que ponto essa alma toma posição para dirigir o veículo de carne em que viaja pelo mundo.

O Espiritismo, que, a rigor, não pode ser catalogado como uma ciência, uma filosofia ou uma religião, porque é uma doutrina que abrange, pelos seus aspéctos, as qualidades e funções de todas três, deixa á margem qualquer revelação que lhe facilitaria o desiderato, e estuda a questão através do raciocínio e da lógica, podendo desde já enunciar as suas conclusões, embora alguns

detalhes, que não prejudicam o conjunto, ainda escapem à observação positiva.

É indubitável que a alma se encontra na cabeça. Estão aí todos os aparelhos de contrôlo do organismo. A alma é o princípio inteligente, permanentemente envolto por um corpo fluídico, formado de matéria tão quintessenciada que se confunde com a própria alma. Os espíritas chamam-no «Perispírito» e o apóstolo Paulo de Tarso chamou-o «corpo espiritual». Êsse envoltório transporta, na sua própria natureza, o «sub-consciente», tão procurado pela ciência nos refôlhos do cérebro humano, e constitúe o molde onde se plasma o corpo material. Reunidos, alma e perispírito, em liberdade, tomam o nome de «Espírito; ao incarnar a alma ocupa a parte superior e o perispírito se espalha por todo corpo, interpenetrando-lhe as células e os orgãos. Daí por diante essa prisioneira não mais terá relações com o mundo exterior sinão por intermédio dos orgãos sensoriais do corpo em que está abrigada.

A psicologia moderna, que poderemos chamar «psicologia-fisiológica», de mãos dadas com a Metafísica e o Espiritismo, na sua feição científica, pôde trazer-nos a estas conclusões que, se não são definitivas, não nos fazem corar diante da Razão e da Lógica.

O aparelho cerebral se nos afigura uma mesa telefônica, diante da qual se posta a alma para receber as impressões externas e transmitir as suas ordens quanto às funções orgânicas que dependem da sua direção. A ciência chama a isso reflexos nervosos conscientes, e inconscientes aos que se realizam sem a intervenção inteligente e volitiva do espírito, como sejam os que se relacionam com os movimentos peristálticos do estômago e intestinos, os do coração e dos pulmões. Estamos de acôrdo com isto porque sabemos que a alma interfere apenas com a vontade controladora; os fenômenos orgânicos resultam de reações químicas da própria matéria de que se compõe o corpo e da que o cerca em forma de gazes. Em uma pilha geradora, fechado o circuíto, não se forma uma corrente elétrica? Isso significa que certas reações imprimem movimento à matéria inerte, transformando-a em energia. Pois a fôrça nêurica que percorre a rêde nervosa não passa de uma forma de eletricidade gerada na intimidade do organismo animal.

O comandante de um barco, mesmo que seja o maior dos transatlânticos, não precisa saír da câmara de comando para dirigí-lo, de vez que tem à mão todos os aparelhos náuticos e de contrôlo. Com a alma, revestida do seu perispírito e incarnada em um corpo qualquer, acontece o mesmo, porque dispõe de toda crôsta cerebral, séde das localizações, de onde partem os nervos sensitivos e motores, que se cruzam no bulbo, descem pela medula espinhal e se espalham por todo o organismo na direção da periferia.

Ilustremos o assunto para torná-lo mais claro; se alguém, descalço, piza uma brasa ou a ponta eriçada de um prego, instantâneamente sente uma dôr viva e defende-se encolhendo a perna. Isto, que não gasta um décimo de segundo para completar-se, depende do seguinte complicado mecanismo: a noticia da queimadura ou espetadela subiu por um nervo sensitivo até o centro correspondente no cérebro. Aí, através das vibrações perispiritais, a sensação dolorosa atingiu a alma, que dá ordem para a defesa, descendo esta, em forma de energia, por um nervo motor, afim de obrigar o músculo da perna a contrair-se.

Antes do acidente, se houvessem seccionado o nervo sensitivo citado não teria havido dôr, porque a alma, não tendo recebido a comunicação do facto, ficaria isenta de qualquer sensação. Nêste caso poderia o paciente, em vez de pizar uma brasa, ter metido o pé em uma fogueira crepitante, até destruí-lo, que não sentiria nada. O mesmo acontece em relação aos demais orgãos sensoriais: da visão, da audição, do olfato etc., que todos estão ligados ao cérebro por nervos sensitivos, destinados a por a alma em contácto com o mundo exterior. Quando um desses nervos sofre uma lesão grave, a alma fica privada das sensações que o orgão respectivo lhe proporcionava.

Vê-se, portanto, que todas as sensações, dolorosas ou emocionais são privilégio exclusivo da alma. Observemos os vegetais: desfrutam uma vida vegetativa igual a nossa, mas não experimentam sensações de qualquer natureza porque não têm alma nem sistêma nervoso.

Conclue-se que a alma não fica adstrita à um determinado ponto do cérebro, mas estende o seu império sôbre o conjunto da massa cinzenta, nos dois hemisférios, onde estão as inserções nervosas. O seu perispírito, unido, molécula a molécula, no organismo, além de servir de parachoque entre a brutalidade da matéria carnal e a sutileza da alma, utiliza-se das vibrações das rêdes nervosas que o atravessam em todas as direções, para capitar tudo que deve ser armazenado no sub-consciente, que se encontra em sua própria natureza.

Curvêmo-nos, pois, diante do cérebro, porque êle é um misto de templo sagrado, onde se cultua o amor e a razão, e laboratório misterioso em que se processam as mais estranhas e sutís transformações da matéria. Nêsse lampadário augusto foi que Psyche baixou e fez morada, de vez que, no consenso deísta, ela é partícula da inteligência divina, e inteligência é luz que se desdobra em sabedoria e bondade.

Artur Ramos e o Espiritismo

IV

Para os que se orientam pela Codificação de Allan Kardec, espírita ou espiritista é aquêle que aceita a doutrina em seu conjunto, está de acôrdo com os princípios gerais do Espiritismo: imortalidade, comunicação dos espíritos, reincarnação, crença em Deus. Há espíritas, porém, que não admitem a reincarnação ou teoria das «vidas sucessivas», como já vimos. Poderiam chamar-se, nêste caso, *espiritualistas*. Todavia são denominados, de um modo geral, espíritas ou espiritistas todos os que, esposando a crença em Deus, aceitam a comunicação dos espíritos, fazem experimentação mediúnica, embora os ingleses, como os norte-americanos, por exemplo, se intitulem simplesmente espiritualistas.

O movimento espírita mundial (sem alusão à parte oriental) está dividido em correntes, cuja distribuição geográfica, sem o rigor de um critério definitivo, póde ser assim resumida:

— I —

GRUPO LATINO

I — Europa	França Espanha Portugal	
II—América Latina	Brasil Argentina Cuba Porto Rico etc.	*Allan Kardec*

— II —

GRUPO ANGLO SAXÃO

Estados Unidos Inglaterra Canadá (parte) Austrália África do Sul etc.	*Jackson Davis*

— III —

GRUPO ESCANDINAVO

Dinamarca — Suécia — Noruega

(Nêste Grupo não existe organização sólida e tradicional como nos principais países dos grupos latino e saxão. A Suécia, entretanto, já tem movimento apreciável, mas não segue a orientação kardeciana).

Vê-se que a influência de Allan Kardec prepondera no grupo latino, enquanto o grupo anglo-saxão prefere a orientação de Jackson Davis. Não incluímos o grupo eslavo ocidental (Polônia, Checo-Slovaquia, etc.) porque as informações a êste respeito são muito imprecisas. O grupo escandinavo sofre, de algum modo, a influência de Swedenborg, vidente e místico sueco (1688-1772), homem de grande cultura, cuja doutrina tem partidários até mesmo fóra da área escandinava (10). O pensamento de Swedenborg, notável médium vidente e clarividente, ins-

pirou a formação de seitas e movimentos de tendência religiosa, embora não seja tão grande a percentagem de seus adeptos (12). São diferentes, portanto, a técnica e a orientação doutrinária dos grupos em que se divide o movimento espírita. Na Itália, país originariamente latino, prevalece contudo, a escola metapsiquista! fenômeno puro, sem preocupação de ordem religiosa.

O movimento espírita brasileiro, por influência dos livros de Allan Kardec, inclinou-se desde cedo para a França, de onde se irradiara a doutrina codificada, a partir de 1857, com a publicação do *Livro dos Espíritos*. Antes mesmo de se tornarem conhecidos no Brasil os livros de Allan Kardec, já se faziam sessões mediúnicas no Rio de Janeiro, sob a inspiração da divisa: «Deus, Cristo e Caridade». A circunstância de estarem ligados a êsse movimento inicial um médico francês (Bento Mure) e um cirurgião português (João Vicente Martins) dá acentuada expressão latina à gênese da divulgação do Espiritismo nêste país. Factos posteriores vieram confirmar a tendência do Espiritismo, no Brasil, para a fonte francêsa, e não, para os Estados Unidos. Bento Mure chegou ao Brasil pouco antes da segunda metade do século XIX, segundo Carlos da Silva Araujo, em *Farmácia Carioca* (Rio, 949), antes dos fenômenos de Hydesville, que deram causa ao movimento espírita. Praticou-se o mediunismo, no Rio de Janeiro, antes de se conhecer a doutrina, mas o que está provado históricamente, é que a doutrina espírita começou a ser conhecida na Bahia, onde se fez a primeira tradução do *Livro dos Espíritos*, assim mesmo, da Introdução.

A coleção de *Éco d'Além Túmulo* (1.º jornal espírita publicado no Brasil) prova as ligações do movimento espírita brasileiro com a corrente francêsa. Quando Luiz Olimpio Teles de Menezes publicou, na Capital da Bahia, o *Éco d'Além Túmulo*, em julho de 1869, deu áquele órgão de imprensa orientação nitidamente reincarnacionista, o que se pode verificar pelos artigos nêle publicados. A introdução d'O *Livro dos Espíritos* serviu de argumento a Luiz Olímpio para defender a tese reincarnacionista em face das reprovações do Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira (12) — Luiz Olímpio tentou conciliar a teoria da reincarnação com a doutrina da Igreja Romana, no que foi severamente censurado pelo Arcebispo. Desde a sua fase inicial, na Bahia, o movimento espírita brasileiro procurou inspiração na fonte kardeciana apesar da orientação católico-espírita de Luiz Olimpio. Basta dizer que no ano de 1900, por ocasião de um congresso Espiritualista, na França, a Bahia chegou a ser chamada de «berço da doutrina espírita» no Brasil, tais e tantos eram os laços de aproximação de nosso movimento com a França. A correspondência de Luiz Olímpio, da Bahia, com A. Deliens, de Paris, dá idéia muito clara do verdadeiro carácter do Espiritismo no Brasil. A formação religiosa de Luiz Olimpio, (oriundo da Igreja Católica), teve certa influência no movimento espírita nascido na Bahia, o que levou Deliens a dizer, em carta de 11 de outubro de 69, de Paris, que se devia evitar que o Espiritismo no Brasil tomasse feição religiosa. Eis aí uma prova de que o Espiritismo, no Brasil, manteve relações com os espíritas francêses precisamente na fase em que se começou a implantar a doutrina neste país. É verdade que, hoje, o Espiritismo no Brasil não tem mais as características da corrente francesa, a não ser em teoria, porquanto na prática o movimento espírita brasileiro tem características próprias: menos filosófico, menos propenso à experimentação pura; mais evangélico, mais realizador no campo de assistência social. Apesar disto, o Espiritismo, no Brasil, está vinculado ao grupo latino, sob a influência de Allan Kardec, por três motivos: histórico, étnico, doutrinário. São justamente estes os motivos que não aproximam os espíritas brasileiros da escola inglesa ou do moderno espiritualismo norte-americano. Existem, sim, relações de amisade, intercâmbio, correspondência epistolar, notadamente nestes últimos tempos, em virtude da vulgarização da língua inglesa. Quanto á origem, porém, do movimento espírita brasileiro, sua índole, sua orientação doutrinária, não há ligação com os Estados Unidos.

Conclusão

Sem modificar, de maneira alguma, o alto conceito em que temos o nome do Professor Artur Ramos, cuja memoria é digna de culto espiritual e cívico no Brasil, porque êle foi um brasileiro dos

mais ilustres, um brasileiro que muito honrou o Brasil no estrangeiro, concluimos esta série de artigos com a seguinte afirmação: o Professor Artur Ramos não compreendeu bem o Espiritismo. Em primeiro lugar, o eminente homem de ciência confundiu o Espiritismo com macumba, feitiçaria, totemismo etc.; em segundo lugar, afirmou que a técnica do Espiritismo no Brasil, «é um produto de exportação americana». Nenhuma das duas opiniões é exata. Assim, pois, podemos dizer, finalmente, que o Professor Artur Ramos não tinha razão, porque:

a) — embora o fenômeno mediúnico seja comum às práticas de *terreiro*, aos cultos de origem totêmica ou feitichista, o Espiritismo não se enquadra nestes cultos, porque é um corpo de doutrina com princípios e características próprias;

b) — tendo sido, desde o começo, orientado sob a influência de Allan Kardec tanto na teoria como na prática, de acôrdo com a propensão do grupo latino, o Espiritismo, no Brasil, *NÃO É «UM PRODUTO DE EXPORTAÇÃO AMERICANA»*.

Com estes argumentos, procuramos deixar patente que o Professor Artur Ramos estava enganado a respeito da origem e do caráter do movimento espírita brasileiro.

Deolindo Amorim.

Rio de Janeiro, junho de 1951.

---

(10) — O Boletim da Federação Espírita Internacional (Londres), relativo ao Congresso Espírita Internacional de 1948, publicou a relação de todos os grupos que se fizeram representar no referido Congresso.

(11) — Existe no Rio de Janeiro, no bairro de Fátima, uma igreja dedicada a Swedenborg. Afirmou um jornal, em reportagem, que o general Mendonça Lima, ex-Ministro da Viação e Obras Públicas, ex-diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, era ou é sacerdote da citada igreja. Podemos acrescentar mais uma informação. Quando servia no Rio de Janeiro, o Dr. Vicente Trujilo, Embaixador da República do Equador, costumava comparecer ás reuniões da Sociedade Brasileira de Filosofia. Certa vez, depois de uma conferência em cujo debate fôra citado o Espiritismo, disse-nos S. Êxcia. que não conhecia ainda Allan Kardec, porque em seu país se falava apenas em Swedenborg.

(12) — Veja-se a documentação citada na Revista Espírita do Brasil *de abril de 1950 (número comemorativo do 93.º aniversário do* Livro dos Espíritos.)

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

L

Trechos duma notável conferência, realizada em Weimouth (La Mancha) perante o Congresso da Igreja Anglicana, pelo Venerável Arcediago Colley — Arcebispo de Canterbury, ex-Reitor da cidade de Stockton, diocese de Natal (Inglaterra).

O arcediago pergunta se Tomé seria assás céptico para não acreditar, se tivesse, como êle, assistido, uma noite, ao facto seguinte:

O médium recebeu de novo a estranha fórma feminina que estivera por algum tempo entre nós. Eu mesmo a conduzi até êle, que estava pronto para receber de minhas mãos êsse maravilhoso *olon*, ou emanação humano-espiritual. Quando a minha dócil companheira chegou perto do *médium*, o fio gazoso tornou-se de novo visível; o ponto onde êle encolhia e se evaporava era como anteriormente na altura do coração.

Mergulhado na mais profunda admiração, verifiquei como, por meio daquêle cordão vaporoso, a figura psíquica era de novo absorvida no corpo do *médium*.

Era como que uma pequena tromba marinha, horizontal em vez de ser vertical, por meio da qual a potência vital

do nosso *médium* parecia atrair e absorver a fórma espiritual; porém, a meu pedido, isto se realizava tão lentamente, que tive tempo bastante de observar todo o processo. Com efeito, apoiando-me no *médium*, e encostando a minha mão esquerda nas suas costas e o ouvido esquerdo no peito, de modo a poder escutar o coração que batia com violência, eu vi que recolhia na sua pessoa robusta e corpórea, êsse amável produto das esféras invisíveis. E enquanto eu contemplava êsse rosto tão dôce do espírito, que se desintegrava, a três ou quatro polegadas, apenas de mim, notei uma vez ainda os seus belos lineamentos—olhos, cabelos, a complexão delicada — e beijei a sua mão tão macia, no mesmo instante em que passava pela obra da dissolução, e que era reabsorvida, com o restante do corpo, através do pano da roupa preta do *médium*, para dentro do corpo dêste...

(O título da conferência é—«Como se fazem as materializações»).

LI

Padrão eterno de enigualável sabedoria, o Evangelho é que há de nortear a humanidade para seus altos destinos. Cumpre, porém, que sejam desentranhados da montanha de êrros, falsidades e superstições sob que o enterravam, durante o império da letra, afim de que o seu espírito, que é a sua luz, brilhe para todas as consciências, para todas as inteligências, para todos os Espíritos. Essa a tarefa, grave e difícil, cheia de responsabilidades, que toca aos espíritos.

Ai dos que a menosprezam! Melhor fôra não houvessem visto a luz que lhes trouxe o Espiritismo.

Dr. Guillon Ribeiro.

Afim de cientificar o leitor da vasta cultura do Dr. Luiz Olimpio Guillon Ribeiro, ex-presidente do «Centro Espírita de Cascatinha» e da «Federação Espírita Brasileira», do Rio de Janeiro, transcrevemos uma nota importante, aposta à pág. n. 4, do «Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, assim redigida:

Nota da Editora

A nossa tradução da obra «O Evangelho Segundo o Espiritismo» foi feita da terceira edição francêsa, ou seja, daquela que foi revista, aumentada e completamente refundida por Allan Kardec (Revue Spirite, ano de 1865, pág. 356).

Encarregou-se dessa tradução o saudoso presidente da «Federação Espírita Brasileira» — Dr. Guillon Ribeiro, engenheiro civil, poliglota e vernaculista.

Ruy Barbosa, em seu discurso pronunciado na sessão de 14 de outubro de 1903 (Anais do Senado Federal, vol. II, pág. 717) em se referindo ao seu trabalho de revisão do Projeto do Código Civil, trabalho monumental que resultou na *Réplica*, e que lhe imortalizou o nome como filólogo e purista da língua disse:

«Devo, entretanto, snr. Presidente, desempenhar-me de um dever de consciência — registrar e agradecer da tribuna do Senado a colaboração preciosa do Snr. Dr. Guillon Ribeiro, que me acompanhou nêsse trabalho com a maior inteligência, não limitando os seus serviços à parte material do comum dos revisores, mas, muitas vezes suprindo até a desatenções e negligências minhas.»

«Como vemos, Guillon Ribeiro recebeu, aos vinte e oito anos de idade, o maior prêmio, o maior elogio a que poderia aspirar um escritor, e a Federação Espírita Brasileira, vinte anos depois consagrou-lhe o nome, aprovando unanimemente as suas impecáveis traduções de Kardec.

Jornalista emérito, Guillon Ribeiro foi redator do *Jornal do Comércio* e colaborador dos maiores jornais da época. Exerceu, durante anos, o cargo de Diretor Geral da Secretaria do Senado e foi diretor da «Federação Espírita Brasileira», no decurso de 26 anos consecutivos, tendo traduzido, ainda, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese* e *Obras Póstumas*, todos de Allan Kardec».

Agora, para finalizar, vejamos o que diz a maior das *«Vozes Autorizadas»*:

«O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo». — Allan Kardec.

Bem louco seria, portanto, aquele que tentasse classificar entre os loucos, êsses benfeitores da humanidade acima firmados.

(Conclusão)

Livros e Autores

GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, de Leopoldo Machado. Livro dividido em 4 partes expressivas:

Graças do Céu, série de comunicações dirigidas ao autor e recebidas por F. Candido Xavier; *In memoriam* do Espírito de D. Marilia, com escritos do autor e da falecida; *Graças da Terra e do Céu*, graças e comunicações a propósito da *Semana do Moço Espírita de Belo Horizonte; Graças redivivas*, comunicações recebidas ha 13 anos, pelo mesmo médium e dos mesmos espíritos, destinadas ao autor.

Prefácio de Carlos Imbassahy.

A idéia dêste prefácio nasceu de um conluio entre o Pedro Granja e o Leopoldo Machado. Quero crer que o primeiro, dedicado amigo, resolveu associar-me ás glórias literárias do segundo, e daí lembrar-se do meu nome, para o pórtico do livro, ao que Leopoldo, prazeirosa e generosamente, aquiesceu.

Eis-me, pois, em luta íntima, luta entre os deveres de amigo e a consciência da minha desvalia para a empreza de que me incumbem.

Venceram os deveres. A amizade *super omnia*. E' o mais belo dos nossos sentimentos; conservemos-lhe o primado.

E' comum aos prefaciadores dizerem do Autor e da obra. Mas o velho e indefesso batalhador, que é Leopoldo Machado, conhecido no Brasil inteiro como o destemeroso pugilista da palavra, o ardoroso propagandista, o maior dos nossos excursionistas em benefício do Ideal, dispensa a minha apresentação. Falar do livro é falar daquilo que se vai ler, é antecipar o juizo, é dizer o que em breve todos saberão. E isto só se justificaria, quando se pretende sugestionar o leitor. Não é o caso, já se vê. E o sentem todos que conhecem a vasta obra do nosso eminente amigo.

Destarte, prefiro aproveitar uma das faces do carácter do escritor, sobejamente demonstrada em toda a sua vida de propulsor de idéias, para apresentá-la como um exemplo à ninhada dos nossos confrades *in fieri*, cujas asas começam a despontar para os embates do futuro.

Dirijo-me, sobretudo, à mocidade, a essa mocidade que êle formou, preparou e consolidou, para substituir aqueles que o tempo, as desilusões ou a sepultura afastaram das lides da propaganda terrena.

* * *

Remontemos a um período trágico da História Universal, o da Revolução Francêsa.

Principiou com um lema sagrado, o da liberdade, da igualdade e da fraternidade. E seus filósofos diziam: «que eles pensem, digam, escrevam tudo o quiserem contra nós. Oporemos nossos pensamentos aos seus, nossas verdades a seus erros, nossa caridade a seu ódio».

Mas tudo que é bom, tudo que vem limpo do alto, como que fica conspurcado ao tocar a lama humana. E a Revolução Francêsa, degenerou numa temível mortandade.

Por essa ocasião, existiu em França um sujeitinho magro, pequeno, um tanto gago, que passeava sua figura inteiramente despercebida em meio ás multidões agitadas.

Foi no tempo de Luiz XVI. Êsse rei havia acumulado sôbre sua cabeça os erros dos seus antecessores. O povo guardava no recesso da alma os rancores acumulados pelo descaso, pela opressão e pela miséria do longo reinado dos Luizes.

A côrte vivia no fausto, no luxo e na beatice. Os reis não perdiam missa e não faltavam aos sacramentos. Os nobres andavam rezando, batendo nos peitos e citando trechos sagrados, tal como fazia Cronwell, antes de ordenar uma grande matança. Parece que os monarcas quanto mais «tementes a Deus», menos escrupulosos.

As nações onde o fervor religioso assumia o aspecto de fanatismo, foram aquelas em que era acentuada a dissolução dos costumes, e a maldade dos homens não tinha freio. Veja-se a Espanha de Felipe II, a França dos Luizes, a Europa inquisitorial, a coloniza-

ção da América, com as atrocidades do México e do Perú. Não era sem razão que dizia Maigre: «onde os homens aparecem com o seu Cristianismo, aí teremos a tortura e a fogueira».

E' extraordinário, mas é verdade, que onde o carolismo domina, não importa a forma religiosa que possa assumir, os nobres sentimentos da alma como que desaparecem. Dir-se-ia que cada qual se supõe salvar com as homenagens que presta à divindade, e deixam que os outros se arranjem como puderem. O culto e a religiosidade não eram mais que formas de egoísmo e ostentação.

Era assim a rutilante côrte francêsa e os vassalos não saiam dos templos, do mesmo passo que a indigência não lhes saía dos lares. A crise foi tomando vulto; e, enfim, como águas até então represadas, veio romper os diques no infortunado reinado de Luiz XVI e Maria Antonieta.

Preocupado com a sorte de seus concidadãos, com as disparidades sociais, a cabeça cheia de idéias, o coração cheio de esperanças, o nosso sujeitinho magro procurava melhorar a vida do povo. A revolução veio de encontro ás suas aspirações. E êle, que passava despercebido, subia à tribuna para trazer a sua palavra e o seu apôio ao movimento libertador. E então, com o verbo inflamado, verberava os abusos do poder, a tirania da realeza, as dissipações da nobreza, as calamidades do país.

E se transformava, e se transfigurava, e o pequenino se fazia gigante, e no ardor da sua eloquência, arrastava as multidões tomadas de entusiasmo. Estas o seguiam para onde êle fôsse e lhe obedeciam consoante êle mandava.

Êste rapazinho se chamava Camilo Desmoulins.

Nasceu em Guise, em 1760. Em Julho de 1789 reuniu o povo nos jardins do *Palais Royal;* mais tarde marchou para a Bastilha. Foi o herói da quéda dessa fortaleza, heroicidade essa maculada com a falta de palavra dada aos vencidos e a traição que se seguiu. Prometeram a vida aos que se rendessem, e mal entraram no forte assediado, trucidaram barbaramente seus defensores. Não se sabe a parte que cabe a Desmoulins nessa infâmia. Talvez não pudesse sofrear os ímpetos dessa féra que é o homem. Também lhe atribuem o movimento de 10 de Agosto, onde se matou muita gente. Fundou e dirigiu vários jornais. Foi advogado, jornalista, escritor, orador fluentissimo e arrebatador, membro da Convenção, um dos principais deflagradores da Grande Revolução. Humanizou-se, por fim, com a marcha tenebrosa dos revolucionários e quís deter a onda de sangue. O que êle desejava era a reforma social, os direitos do homem, os benefícios para o seu semelhante e não o extermínio. Fundou então, o *Vieux Cordelier,* onde manifestou a necessidade imperiosa de sofrear o «terror»; pediu que se criasse uma comissão de clemência. Mas, quando a fúria se desencadeia, os que desejam quebrar os ímpetos da ferocidade são considerados criminosos. Sua benignidade o perdeu. Foi preso como suspeito de moderantismo, e levado ao cadafalso, decapitaram-no, em Paris, no ano de 1794.

Sua mulher, Lucilia Duplessis, procurou salvá-lo e por isso também foi presa e guilhotinada.

* * *

Disseram-me um dia que Leopoldo teria sido Camilo Desmoulins, e eu, geralmente infenso a êsse passado, em que todos nós fomos quasi sempre figuras célebres, não deixei de achar certa analogia entre o demagogo francês e o nosso agitado e agitador tribuno patrício.

Destemeroso, vibrante, eloquente, sugestivo, incansável, conseguindo arrastar os prosélitos, fundando instituições, derrubando velharias, elogiado, aplaudido, atacado; a princípio polemista intimorato, mais tarde moderado, simples, construtor.

Na Revolução, a mulher o vê morrer, vítima da condenação dos homens, baldando-se-lhe todos os esfôrços para a sua salvação. Aquí, é êle que vê partir a mulher, vítima da condenação da natureza, sem que a luta prolongada que sustentou por libertá-la da doença produzisse qualquer efeito.

* * *

Há quem veja nos elogios propósitos subalternos, motivos interesseiros, e, na melhor hipótese, um incentivo à vaidade.

Penso, muito ao contrário, que, por vezes, a frieza com que recebemos e analisamos os trabalhos de nossos amigos prejudica os amigos e o trabalho.

Ela mata todo o estímulo. E' como o silêncio da platéia diante do ator. As mãos inertes e geladas com que o acolhem são o epitáfio de sua carreira.

Muitos desanimam com a atmosfera social que os rodeia. E' preciso, aquí, seguir o aforismo de que *in medio consistit virtus*.

Há, ainda, um reparo importante, é que eu e o Leopoldo estamos numa fase e numas condições em que o elogio é inteiramente anódino. Eu, pelo tempo, êle pelos seus distúrbios cardíacos; eu, ultimando os preparativos para a grande viagem, êle, na esperança, a meu ver ilusória, de que se vai juntar à esposa. Deixemos, pois, falar o sentimento, e mantenhamos uma das raras fortunas que levaremos para o Espaço, que é a estima que dedicamos uns aos outros.

Chego à face do carácter do nosso autor e de que falei na abertura destas linhas. E só me refiro a ela porque vale por um estudo: é a sua tolerância para com as idéias alheias, ou melhor diria, para com os portadores dessas idéias.

Parecerá um paradoxo. O escritor quasi pambletário, o discutidor denodado, o polemista que não rejeitava parada, o tribuno veemente, o apontador de erros e heresias, transformado no palinuso da tolerância. Pois é.

Pois é, porque todo o seu calor é um fôrno das idéias. E se por vezes os seus escritos ou os seus discursos se inflamavam era na réplica a ataques violentos, a injustiças flagrantes, a dispauterios imperdoáveis. Mas a pessoa do contendor era inviolável.

Nunca se zangou com ninguém por não pensar como êle; nunca negou a sua mão a um adversário; não guardou jamais o menor ressentimento após o debate. Deixemos passar os exemplos.

Numa época em que os nossos correligionários e, muitas vezes, amigos usam até de represálias materiais, por não compartilharmos do seu modo de pensar, às vezes em questões de uma desanimadora puerilidade, essa superioridade espiritual que vemos em Leopoldo é muito para admirar.

* * *

Vitor Hugo, na sua obra *William Shakespeare*, descrevia assim um lar:

«Seus moradores formavam um grupo, ou melhor, uma família. Eram proscritos. O de maior idade era um dêsses homens que em determinado momento, estão sobrando em sua pátria. Havia saído de uma assembléia; os outros, ainda jovens, saiam de uma prisão. Haviam escrito e por isto tinham sido presos. Aonde o pensamento haveria de levar senão ao cárcere?»

A doutrina espírita, com sua luminosa filosofia, faz que tenhamos como sagradas tôdas as liberdades, e delas faz parte a do pensamento. A imposição da idéia é falta grave que toma o caracter de crime. Enche-nos de assombro, verifica as violências de que eram vítimas as criaturas, quando seu modo de ver se não acolchetava perfeitamente ao dos que estavam de cima. E se, hoje em dia, no seio de uma doutrina liberal, e nos tempos que correm, manifesta-se a violência, de maneira mais ou menos disfarçada, o que verificamos é que os sêres ainda não estão preparados para a grande Reforma. Não admira, portanto, que todas as suas aspirações se movam no terreno da exegese escriturística, em tôrno da qual os homens vêm girando como *chapon à la broche*, sem que êste esfôrço na interpretação de textos nos tenha feito dar um passo à frente na Espiritualidade.

E aí temos o planeta ferido pelas guerras, cheio de uma humanidade infeliz e má, em que a luz do Alto não encontra onde se refletir. E, às vezes, penso como Bulhão Pato, que nos dizia na sua obra «*Sob os Ciprestes*»:

> «Uma das condições do ignorante é ser crente. A luz do saber, ao passo que ilumina o espírito, vai desenganando o coração».

Parece difícil ver transformar-se o temperamento humano. E há dois mil anos o Cristo trouxe à terra o seu Evangelho de perdão e de amor! E por mais que desejemos a concórdia e a paz, o que notamos é a criatura sempre pronta a ferir, ou abertamente, ou velhacamente.

Dizia Eduardo Ramos que há muita gente em que a hostilidade assenta

perfeitamente, como assentaria ás ostras se oporem ao arrasamento dos penedos.

E os nossos amigos, ás vezes por uma simples questão da coesão molecular do corpo do Cristo, passam logo a inimigos, por maneira que nós tivemos que pensar como êles, queiramos ou não. Como havemos de achar um jeito de pôr as idéias de acôrdo, é que não sei. É difícil arranjar aí a fonte da harmonia. Assim, por não desgostá-los, só nos resta um remédio: — a mais deslavada hipocrisia. Temos de fingir acreditar no que eles acreditam, para não lhes perder a amizade ou o benefício.

Quando vemos, portanto, um espírito como o de Leopoldo, nesse terreno acima da crareira comum, quando sabemos que êle continua amigo do seu amigo, não importa o abismo ideológico que haja entre ambos, impossível será deixar de unir a amizade à admiração.

Apresento-me como exemplo do facto, que melhor diria do fenômeno.

Temos tido grande discussões, a ponto de declarar o Leopoldo que vivemos brigando. E vivemos. As nossas idéias se chocam, as nossas palavras fazem o efeito da fuzilaria. Mas, em meio do prélio, sôa uma gargalhada cristalina, franca, sincera e amiga. É que um de nós bate em retirada. Leopoldo ri-se do epílogo. Às vezes é uma pilhéria que surge no mais aceso da contenda. E saímos da controvérsia tão amigos ou ainda mais do que quando nela entramos.

Por que não serão assim todos os discordantes ?

* * *

Reparo que nada disse sôbre o livro. É. Eu não ia, mesmo dizer nada. Seria fraco como comentador, e pretencioso como crítico.

Quero, porém, neste fecho, deixar as minhas homenagens àquela que foi a companheira de todos os instantes de Leopoldo Machado. Era a sua consorte, a sua amiga no lar, a sua auxiliar nos trabalhos e nas lutas da Causa, a sua colaboradora na construção do gigantesco edifício da Caridade.

O autor destas linhas sempre teve a fortuna de sua estima. Usufruiu-a, apesar do pouco tempo de convivência, nesta grande cidade, onde as distâncias e os afazeres da vida nos separam, como se vivessemos em continentes antípodas.

Mas, nas páginas de saudade dêste livro, quero deixar também as minhas, depondo neste altar de afeto o tributo de minha gratidão à grande benfeitora, que tantas lágrimas de reconhecimento deixou nos corações maleáveis, vibrantes, e por isso mesmo sinceros, dos orfãos e desvalidos da vasta zona de Nova Iguaçú.

Carlos Imbassahy.

A Deus o que é de Deus

ESTÁ a nossa encantadora e sublime Doutrina Espírita sôfrendo nas mãos dos homens as mil contrafações que sempre acompanham a difusão, na terra, de quaisquer princípios religiosos, filosóficos e mesmo científicos. Não é de nossos dias o desespêro de Santos Dumont por ver o seu grande invento da dirigibilidade aplicado à destruição, em massa, dos homens ?

Essa a triste contingência humana! Mais triste, contudo, quando se verifica ter chegado a tal ponto a lassidão da alma humana, em virtude da contrafação dos bons princípios, que não mais sequer existe quem proteste contra a desorientação.

Começou assim a *debacle* religiosa do Catolicismo que hoje, para manter seu prestígio, precisa do fausto, das distinções hierárquicas, da transigência com os processos mèramente convencionalistas das boas relações sociais.

O Espiritismo, que já era tão deturpado pelos que o temperavam com o môlho de tôdas as crendices remanescentes do fanatismo igrejeiro, do fetichismo indígena ou africano, do materialismo científico, está agora sofrendo, nas organizações que o praticavam com a simplicidade dos primeiros cristãos, exigida para a restauração da Igreja do Cristo, uma desnaturação que o levará à ruina, se não

mais for possível encontrar o bom senso espírita acolhida na consciência dos adeptos responsáveis pela existência de tais organizações e aos quais cumpre impedir a deturpação que se esboça, fazendo-se permeáveis a estas advertências fraternas, porquanto, para isso, beberam os bons princípios da doutrina nas melhores fontes do Evangelho.

Escutem-nos, tendo em vista o ideal que nos move, abstraindo o nome de quem a estas advertências se abalança, com o risco de desagradar, sem o querer.

Pior do que o falso Espiritismo dos «candomblés» e das macumbas, dos «terreiros» e dos caboclos; muito pior do que o dos metapsiquistas, é o dos que vão deturpando o sentido histórico da Terceira Revelação, a pureza do Neo-Espiritualismo, obedientes ao instinto de adaptação, — que, no caso, deve ser refreado — ás novas modalidades da vida de relação, atendendo sómente à preocupação de que os seus atos, as suas atitudes se enquadrem à ordem social, aos bons princípios da ética profissional, segundo os cânones do bom senso preconceituoso que outorga as benesses do mundo aos que os estimam como elementos benéficos de ação, mesmo no campo religioso.

O problema a resolver entende com a orientação das coletividades espíritas, no que concerne à maneira de se conduzirem nas suas relações com o meio humano em que têm de agir, em prol da regeneração dos costumes.

Somos guiados neste trabalho por um intuíto altruístico de beneficiar. A êste esfôrço, superior quiçá à nossa posição no âmbito das responsabilidades doutrinárias, nos entregamos movidos por um sentimento de lealdade para com o Divino Mestre e para com os nossos companheiros de ideal, a nenhum dos quais, individualmente, queremos recriminar, entendendo, pelo contrário, que cada um, segundo acreditamos, tem a convicção de que está agindo bem e procura trilhar o melhor caminho que lhe é dado seguir. O problema, repetimos, não é de ação individual; trata-se de cousa muito mais grave e muito mais séria, pois trata-se de orientação coletiva.

À luz da História está claríssimo que a desorientação da igreja começou pela inclinação, que move hoje as organizações espíritas, a se fazerem notadas pelo Poder Público; mais do que isso, a ter as benesses dêsse Poder, havendo como que uma certa satisfação das corporações espíritas em contar, no mundo oficial, com elementos de destaque: deputados, senadores, generais, Almirantes, Governadores, se possível o próprio Presidente da República.

Dir-se-á que essa tendência é humana; concordamos, mas ousamos afirmar que não é religiosa, dadas as condições de puro convencionalismo, orgulho de posições a sustentar, satisfação de mil e uma condições personalissimas de amor próprio, vaidade, justo renome social que cada um a si mesmo impõe, conforme a graduação hierárquica que desfruta, etc., — tudo absolutamente contrário às normas naturais da vida em suas relações de pura espiritualidade, a que as mesmas devem estar condicionadas, quando se palmilha o terreno religioso, segundo as determinantes do Cristianismo.

Temos de dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de Cesar, como ensinou Jesus, pois ainda subsiste no mundo, é claro, a diferenciação que o Mestre estabeleceu entre Deus e Cesar. Um dia, em um mundo regenerado, para o qual evidentemente evoluimos, não será assim, pois haverá de prevalecer Deus sôbre Cesar, nesse mundo feliz de amanhã. — Quando? Não o sabemos: «*L'avenir c'est à Dieu*», na expressão do Poeta de «*La Légende des Siècles*».

Quando os irmãos que escalarem o Poder, graças ao movimento de opinião, que se acentua nas massas, de ir levando os espíritas — que se destacarem pela sua bondade, pela sua clarividência, pelo seu desapêgo a todos os sectarismos — aos postos de representação e de direção; quando êsses irmãos vierem ao nosso encontro, recebamo-los com as atenções que todos nos merecem. Se uns quiserem prestar serviços não os recusemos, pois que jamais nos exigirão compensações como aquelas que o oficialismo de Roma pediu à igreja nascente e que a levou ao afastamento do Cristo. Só isso!

Em nossas relações com o Estado, com o mundo oficial, guiemo-nos pelo exemplo do Divino Mestre: sejamos respeitadores integérrimos da lei, paguemos os nossos impostos, curvêmo-nos, como Jesus se curvou, aos ônus que Cesar nos impõe. Mas não nos possuamos de júbilos pagãos ao sentirmos que o Estado *nos dá importância*. O que devemos querer é

que o Estado nos respeite dentro da lei: e isso nos basta.

A nossa esfera de trabalho é a da reforma dos costumes, no sentido de capacitar o homem a viver moralmente bem, mesmo sem o policiamento do Estado; procuramos «estados de consciência» e não simples aparências de conformidade com a decência e a dignidade.

Estaremos mal se começarmos a nos deixar conduzir por cegos condutores, no que respeita ao aparelhamento das organizações espíritas. Estas não podem estruturar-se *apenas* a exemplo daquelas que no mundo visam a objetivos estatais ou méramente econômicos.

Alerta, espíritas! Êsse caminho já está sendo trilhado — e êle conduz ao vale das lamentações. Antes prevenir que punir!

Nada temos que ver com o carácter, o temperamento, a maneira de ser dos nossos irmãos. Acreditamos que todos, sem excepção, estejam, como também estamos, inspirados pelos mais dignos e melhores propósitos; mas, coletivamente, há sintomas de dissolução das normas espíritas.

Voltemos à singeleza e simplicidade exigidas pela prática religiosa, sob a sublime inspiração do fraterno Amor — eis o que Jesus nos pede, segundo o eterno clamor dos seus Evangelhos.

Arnaldo S. Thiago.

Rio, 26 de outubro de 1951.

Umbanda, Quimbanda e Contrabanda

Em companhia do confrade e amigo Alfredo d'Alcântara, fomos certa vez visitar, em sua residência, o ilustre confrade deputado Campos Vergal.

A nossa conversa girava em torno de assuntos doutrinários, focalizando, de preferência, o livro então em vias de ser publicado — UMBANDA EM JULGAMENTO — de autoria do nosso companheiro e que é indiscutivelmente, um trabalho completo sôbre a história do «Umbandismo».

Estavamos, pois, no melhor da conversa, quando fomos surpreendidos com a chegada de mais outras visitas; eram dois «sacerdotes», o chefe da «Igreja Brasileira», D. Carlos Duarte Costa, o ex-bispo de Maura e seu acólito o «padre» Morais.

Ao sermos apresentados aos ilustres visitantes, Campos Vergal não quís apenas mencionar os nossos nomes, simplesmente como amigos, e, referindo-se ás qualidades de cada um de nós, falou também a de escritor do companheiro Alcântara, inaltecendo o valor da obra — UMBANDA EM JULGAMENTO — cujos originais estavam em seu poder.

O «padre» Morais nos foi apresentado então pelo seu superior, como espíta, para mostrar-nos dêsse modo, que a sua igreja não excluía, pelo contrário, disse-nos o sr. D. Carlos Duarte, aceita, até como sacerdote, o profitente espiritista.

O «padre» Morais não se conteve. Falastrão, empertigou-se todo, como se fôsse realmente uma grande figura da nova «Igreja» e disse:

— «Sim! Sou espírita e maçon; pratíco a «Umbanda» e conheço a «QUIMBANDA» e a «Contrabanda». Tudo é Espiritismo».

Foi nêsse dia que tivemos conhecimento de mais essa modalidade de seita espiriteira — o «Contrabandismo».

Já sabiamos que «Umbandismo» era uma criação recente, considerada como nova modalidade do Espiritismo, segundo a opinião dos próprios «umbandistas» o que Alfredo d'Alcântara contesta com profundo conhecimento de causa.

O «Quimbandismo» é uma criação de Lourenço Braga, como definição de magia negra e terceira modalidade da doutrina espírita que êsse moço anda pregando, fazendo proselitismo e enxovalhando o Espiritismo.

Quanto ao «Contrabandismo», é criação exclusiva do «padre» Morais.

A «Quimbanda» de Lourenço Braga, é pura invenção sua, pois, Quimbanda é, na verdade, uma espécie de sacerdote dos bantús.

«O «Quimbanda» na sua aldeia», diz Alfredo d'Alcântara, «manda mais que

o rei. E' tudo: pontífice, médico-feiticeiro, oráculo, conselheiro, juiz. Todos o acatam e se sentem honrados com a sua benção, desde a criança imbele ao mais valente e destemido guerreiro». Mas, para o sr. Lourenço Braga, «Quimbanda» é uma seita, ou modalidade mágica onde atuam os espíritos voltados à prática do mal. «E' Lei de «Quimbanda».

O «padre» Morais, porém, não nos explicou ainda o que significa a sua «Contrabanda». Para êle, como «Quimbanda» para o sr. Lourenço Braga, tudo é Espiritismo.

Diante de tudo isso que por aí anda, de boca em boca, não encontramos razões que justifiquem o silêncio de tanta gente responsável pela propaganda do Espiritismo. E como poderiamos concordar com aqueles que apoiam indistintamente todas essas modalidades de mediunismo e animismo, incorporando ao Espiritismo seitas tão esdruxulas e retrógradas?

Não. O Espiritismo é, em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, uma Doutrina evolucionista e tende a realizar no mundo uma obra de aperfeiçoamento geral dos homens, por isso, nenhum espírita consciênte poderá cruzar os braços ante tão grande quão perniciosa penetração de seitas, as mais primitivas e grosseiras, nos arraiais espiríticos.

No Espiritismo doutrinário ou mesmo em sua prática, não há lugar para «umbandismo», «quimbandismo» e muito menos para «contrabandismo».

Pereira Guedes.

O que vi no Umbandismo

CAMINHAVA o grupo rua afóra, palestrando sôbre o Evangelho e o tema «dai de graça o que de graça recebestes» estava em discussão. Logo mais paramos junto ao número 590, onde íamos assistir, pela primeira vez, uma sessão de «terreiro» em salão. Penetramos e feitas as apresentações fomos gentilmente acomodados.

Quando os trabalhos de benefício já iam adiantados foram ouvidas fortes pancadas à porta. Atendido ao chamado apresentou-se em vistoso uniforme um chofer sobraçando volumoso pacote entrando logo a perguntar:

— Está aquí o sr. Jonas, médium de um tal índio Itamar?

— Sim, queira porém arrear êsse pêso no chão, sente-se e preste atenção ás caridades que se realizam — disse o porteiro cochichando no ouvido do recem-chegado.

Meia hora depois foi a reunião encerrada com o costumeiro ritual; fez-se mais claridade e muitos fiéis já se dispunham a sair quando Nestor, presidente do Centro pediu à assistência se mantivesse nos lugares, pois, algo o intuía de que a tarefa ainda não estava finda.

Nesse ínterim vimos o chofer entregando o embrulho ao médium Jonas acrescentando:

— E' meu patrão, aquele lá das «Tecelagens» quem lhe manda estes doze cortes de finíssima casimira pela gratidão e em pagamento do «trabalhinho» feito pelo senhor e um certo índio Itamar. Mandou êle dizer que o negócio antes entravado agora vai a galope, não mais lhe atormentando a idéia de falência; o capital agora cresceu. Tudo se realizou. Esta casimira o senhor poderá vender para apurar uns cobres. O patrão não quís mandar dinheiro, ficou acanhado.

Evidente que benefício de tal natureza não se enquadra dentro dos inúmeros e sublimes recursos aconselhados pelo Evangelho de Jesus; continuemos porém a observar.

Instintivamente o médium fixou ávido e com brilho nos olhos o régio presente, impulsionando seu cérebro a encadear imagens de lindos castelos nessa época de amargas aperturas financeiras.

Mas, apenas terminada a conversa entre os dois, eis que Jonas começa a demonstrar certas contrações e estremecimentos pelo corpo; seu rosto transfigurou-se com rapidez tomando feição de pessoa idosa; esfregava as mãos sem cessar e com fôrça; já agora começava o médium a expressar-se em nossa língua,

porém, com sotaque de índio, acompanhado da mímica peculiar.

Incorporado ao médium, o índio, cujo valôr e vontade de ajudar, a par de sua franqueza rude eram por todos conhecidos, levantou bem alto as mãos em sinál de silêncio. Invocou, algo contríto, o seu deus — Tupã — para presidir êsse trabalho complementar. Seu rosto apesar das profundas rugas demonstrava um sublime mixto de bondade e energia, próprio dos bons indígenas.

Sua presença manifestada através do médium denotava intimidade e alegria por parte dos assistentes, pois, sem se fazer esperar, inúmeros «Benção Itamar» foram ouvidos e já se iniciava confuso peditório quando o índio acocorou-se para desatar os cordões do pacote espalhando seu conteúdo no chão à vista de todos. Em seguida, levantou Itamar a mão direita aberta horizontalmente sôbre os olhos, como se com êsse gesto e nessa atitude procurasse melhor distinguir algo longe ou imperceptível; no entanto, o que reparamos foi Itamar selecionar entre os presentes, trazendo para junto de si pessoas necessitadas e humildes; a cada uma, até a última, presenteou pelas próprias mãos do médium um dos belos cortes de casimira. Para os olhos daquelas pobres criaturas aquilo foi uma festança de enorme contentamento.

Antes desse bom espírito se retirar, pediu que transmitissem ao médium, pelo qual, aliás, falava, as devidas desculpas pela apropriação indébita da valiosa oferta, além do que Jonas deveria ser avisado para não se aborrecer, pois, os cinco ternos que tem guardadinhos em casa eram mais que suficientes. Se necessário, que désse até a última túnica...

Finalizou Itamar sua presença entre nós com uma veemente e muito gesticulada exortação recomendando aos umbandistas presentes que distribuissem com os menos favorecidos, não só as sobras como também aquilo que pudesse causar-lhes certa necessidade. Pediu que os ricos ampliassem as quotas destinadas aos pobres, aos que sentiam as intempéries do tempo; Tupã tudo restituiria triplicado.

Um vidente, todo emocionado, relatou-nos depois: «Vi nitidamente Itamar, índio autêntico, chefe robusto, bronzeado, irradiando claridade. Seu corpo translúcido trazia à cabeça soberbo penacho; delicadas pulseiras de penas multicôres enfeitavam-lhe pernas e pulsos; e, de tanga à cintura, em chocante contraste com o ambiente distribuia com indescritível alegria a seus irmãos brancos, o agasalho de que êle, da inóspita natureza não necessitava».

Bela virtude que no indígena continua inátá; e no civilizado? Teria êste desaprendido para acumular egoísticamente?

Jonas, após o transe, de semblante desapontado, tal criança contrariada, vendo seu cobiçado presente em mãos alheias, julgou melhor solidarizar-se com o contentamento reinante, exclamando refeito: «Graças a Deus, pratiquei uma caridade».

Major Levino Cornélio Wischral.

Espiritismo

Gumercindo Lopes Coimbra

Que é ESPIRITISMO? É a ciência que trata da vida dos espíritos e da sua manifestação entre nós.

E Espírito é a manifestação expressa da vida inteligente e racional, projetada no UNIVERSO, caracterizada na individualidade consciente do HOMEM, quando habita entre nós.

Na sua peregrinação entre nós, o Espírito identifica-se na *forma característica* de sua personalidade. Essa forma externa característica de sua personalidade, expressão do corpo espiritual, é o que chamamos de perispirito.

Por que o espírito é a manifestação expressa da vida inteligente e racional projetada no UNIVERSO? Porque é a manifestação da VIDA ENCERRADA NA «MENTE», que o projeta no espaço UNIVERSAL, testemunhando a presença do Creador na sua peregrinação evolutiva!

Olhemos em torno de nós mesmos e veremos que da semente de uma planta projetada na terra, surge uma outra

planta da mesma espécie e formação, a identificar na sua forma externa característica a manifesta personalidade de uma planta conhecida entre nós. É a *célula vital*, a semente, a projetar na face da terra a manifestação de uma vida!

No reino vegetal é assim. No Espírito a *célula vital* é a *Mente*, sendo o Espírito a manifestação da vida inteligente e racional a perpetuar a espécie na personalidade encarnada pelo Espírito: O HOMEM!

O HOMEM, é portanto um TODO, onde a MENTE é a *célula vital;* o Espírito a manifestação expressa da vida inteligente e racional e o Perispírito a forma externa característica da personalidade do Espírito!

TEM O ESPÍRITO SEXO? Não! Não é o Espírito que tem sexo; o espírito, já o dissemos, é a manifestação expressa da vida inteligente e racional projetada no UNIVERSO, na personalidade característica do HOMEM, quando habita entre nós.

Quando habita entre nós, vejam bem!...

Sim, porque quando habita o MUNDO DAS TREVAS, tanto pode ser êle a figura de um monstro como de simples esferóides dominados por entidades perversas, como, ainda, tendo atingido mundos superiores na sua marcha evolutiva se projeta na figura de anjos celestes.

Projetado no UNIVERSO vem o Espírito em obediência ao determinismo de sua peregrinação em busca da espiritualidade evolutiva, e na passagem pelo planeta TERRA, cumpre-lhe atender a multiplicação da espécie. Daí o *sexo inerente* não ao espírito, mas sim, á personalidade, ao HOMEM, o espírito encarnado!

O espìrito é, inicialmente, projetado em mundos inferiores e no curso de sua trajetória evolutiva vai, à medida que atinge mundos superiores, aprimorando sua personalidade característica ao novo Habitat, modificando suas necessidades de alimentos e a transformação de seus instintos, perdendo, gradativamente o sexo.

S. Paulo, 13/12/1951.

O Sentido Espiritualista da Vida

A Fôrça das Religiões

57 Crônica para a Hora da Bôa Vontade, irradiada.

«As religiões são caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo, que é Deus», diz velho rifão, que já tem fôrça de chavão.

Que levam ao alvo-Deus, se ensinarem e praticarem o Bem, ajustamos nós.

Ha, entretanto, exclusivismos religiosos que ajustam a tais ou quais religiões características de infalibilidades, levando-as a condenarem os outros caminhos, como se Deus, que criou todos e tudo, fôsse Pai e Criador sómente dos que as professam.

Ora, se a Verdade é só uma e única, e ha muitas religiões mentirosas, a se hostilizarem odiosamente—que não ha ódio maior e pior do que o ódio religioso, como demonstrou Ruy Barbosa —importa dizer que, no *mare magnum* das religiões e crenças que vão por aí, separando os homens ao em vêz de aproximá-los, aproximando-os, crentes e tolerentes de Deus; se é uma e única a Verdade, é para perguntar-se: qual a religião verdadeira que salva?

Em bôa lógica, só poderia ser uma religião que viesse das origens da humanidade, para não admitirmos que Deus tenha feito muitos filhos seus antes da religião salvadora, condenando-os assim, lógicamente, à perdição.

Para Deus, que é AMOR SUPREMO E SUPREMA JUSTIÇA, formas e exterioridades religiosas nada valem. O que deve valer muito é a essência mesma do Bem.

E' isto o que está, implicitamente, no mais alto dos livros religiosos, o Evangelho do Cristo, que nos ensina que «a cada um segundo as suas obras».

Por êste critério, sente-se que é

verdadeira toda religião ou crença que traga, no seu bôjo, o Bem por princípio, o Amor por base e a Perfeição por finalidade.

Assim, a fôrça da religião deve ser as obras, o Amor, o Bem.

E sem bôa vontade, ninguém realiza obras meritórias, ninguém se aproxima do Amor e do Bem.

Bocacio, o glorioso escritor italiano do começo do século XIV, tem uma linda alegoria sôbre a verdade religiosa, que vale a pena recordá-la e analisá-la.

Estava-se no tempo em que o Judaismo, o Cristianismo e o Islamismo se degladiavam hostilmente em nome do mesmo Pai de infinito amor e misericórdia, que é Deus. E cada uma dessas religiões a supôr-se a verdadeira.

Um homem herdára do pai um anel preciosissimo, que vinha de seus maiores e devia transmitir-se aos descendentes.

Nascem-lhe três filhos, todos, bons moços, todos muito dignos, todos capazes.

A qual dos três filhos transmitir o anel precioso ?

Aos três, que todos o mereciam igualmente, não seria possível.

Que fez, então, o pai ?

Mandou fazer, por joalheiro peririto, de sua absoluta confiança, dois aneis iguais, perfeitas imitações do verdadeiro. Prontas as duas joias, eis os três belos aneis em tudo semelhantes. Deu, então, cada anel a um dos filhos.

Um deles ficou com o anel verdadeiro, e dois, com as imitações.

Mas, qual a joia verdadeira ? Com que filho teria ficado ?

Eis o que, depois, ninguém soube, sinão o dono dos aneis, a despeito de cada possuidor jurar que verdadeiro é o seu anel...

Eis a história de Giovani Bocacio, o criador do romance moderno, admirável de lógica e sutilidade.

E termina o escritor a sua fantasia: «assim tem acontecido com as três religiões que nos foram legadas por Deus, nosso Pai... Como cada qual se julga o verdadeiro herdeiro de Deus... Mas, como no caso dos aneis, não ha certeza sôbre qual de nós anda no caminho certo, e como nenhum de nós póde estar certo da preferência exclusiva de Deus, importa-nos a todos termos a certeza de que estamos incluídos na parceria dos homens. Nações do mundo, uní-vos na prática da bôa vontade».

Com a boa vontade, unem-se as nações e os povos, os homens e as religiões.

Vale dizer, portanto, que é a Boa Vontade a maior força de união que se conhece. Daí, a confiança que se deve pôr na L. B. V., cuja finalidade não é outra sinão aproximar homens de religiões diferentes, até que possam irmanar as religiões mesmas, transmitindo-lhes a consciência de que todas elas são caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo.

Difícil tarefa ?

Tudo no início é árduo e difícil. Mas a perseverança a serviço da boa vontade pode realizar prodígios. Daì, o «perseverai até o fim»... do cristo de Deus.

Leopoldo Machado.

Crônica Estrangeira

Um episódio da guerra de 14/18

De «Revista de Metapsicologia»
Por M. C. S.

Em França fiz os primeiros dias de treino na 1.ª linha com Infantaria 11. Servi, depois, sucessivamente, em Infantaria 4 e 15. De todas as unidades onde servi conservo, naturalmente, lembrança de alguns episódios, tão naturais numa guerra.

De Infantaria 11 guardo a recordação do alferes Stone, camarada que foi meu companheiro de viagem para França e que tombou no próprio dia em que, na linha, assumiu o comando do seu pelotão; de Infantaria 15, a par do espírito compreensivo da unidade e da impressionante camaradagem que lá encontrei, recordo o gesto do major Ferreira do Amaral, de rosto amarelecido,

de olhos fundos, doente, a responder com a linguagem de Cambronne ao médico que o aconselhava a baixar ao hospital, em certo dia em que o 15 seguia para o *front*, em missão voluntária, pois toda a unidade se havia oferecido; de Infantaria 4, além do episódio do alferes Neto que, a sós com a sua ordenança, aprisionou uma patrulha alemã, de 8 combatentes devidamente comandados, guardo êste que passo a contar:

Em certa manhã, o 4 ia render o 17 na 1.ª linha. Seguiamos, ziguezagueando nas trincheiras de comunicação, cautelosamente, pois a rendição era sempre uma operação perigosa, dado que os observadores inimigos, sempre alerta, logo que davam pelo movimento de tropas comunicavam o facto aos comandos, e as granadas, os morteiros e as rajadas das metralhadoras varriam as trincheiras de comunicação e a 1.ª linha. Tinhamos atingido já a 2.ª linha e parecia não haver novidade... De súbito, as metralhadoras alemãs romperam no seu enervante matraquear. Dobrámo-nos o mais que pudemos sôbre o fundo das trincheiras e continuamos a marcha. Momentos depois são os morteiros pesados que fazem a sua aparição, rebentando estrondosamente um pouco mais adiante. O João Serra, minha ordenança e meu saudoso amigo, homem do mar que não temera nunca as barras assoreadas dos portos de Olhão e da Fuzeta, que tantas vezes tinha atravessado desafiando as ondas e a morte; que parecia nada temer senão os morteiros, que alguns dias depois dêste episódio lhe esfacelaram a cabeça, roubando-o ao meu convívio e ao convívio de todos os que o estimavam, começou de se enervar, aconselhando-me a que ordenasse um *alto* e a que mandasse abrigar o pelotão. Tentei sossegá-lo, lembrando-lhe que os morteiros caíam ainda um pouco distante do local onde nos encontrávamos... E a marcha continuou, cautelosa...

...Iamos a dobrar um cotovelo da linha e passar junto de uma sentinela dupla do 17, que aguardava rendição... Nisto, surge na minha frente um vulto estranho de homem desarmado, do qual apenas distingo com precisão o tronco. Tem nos olhos uma expressão aflitiva; e, suas mãos erguidas, de palmas voltadas para mim, eram uma intimação de *alto!* Instintivamente paro e me abrigo no fundo da trincheira, o mesmo fazendo todo o pelotão, ao mesmo tempo que do outro lado do *través* um morteiro explodiu como um ribombar do trovão! O vulto estranho de homem desarmado tinha desaparecido. Nem só eu o vira, pois que o João Serra indagou:

— Que homem esquisito era aquêle?!

— A salvação, lhe respondi.

Salpicados pela lama que o morteiro atirara sôbre nós ao rebentar, e alguns momentos depois do acontecimento, retomámos a marcha, dobrando o cotovelo da trincheira onde surgira o homem ou o fantasma salvador. A linha estava obstruída por um monte de terras sangrentas. Os dois homens do 17, que estavam de sentinela, tinham desaparecido, pois o morteiro caíra e rebentara no local exáto onde se encontravam. E, — caso curioso! — quando os seus camaradas de unidade procederam à piedosa recolha dos pedaços de carne ainda quente e espalhados no local da tragédia, puderam verificar que os restos mortais recolhidos não bastavam para recompôr dois cadáveres, muito embora houvesse a certeza de que dois homens, quasi colados, estavam no mesmo local onde o morteiro rebentara!

...A estranheza do facto levou a novas pesquisas e, a alguns metros de distância e apenas desmaiado, surgiu, intacto, o outro soldado, para quem a hora final, nêste mundo, não chegara ainda!

Aparição após a morte

Os casos de aparição após a morte foram numerosos, no decurso da grande guerra. Todas as narrações se assemelham e os factos aparecem em circunstâncias análogas; contudo, é preciso distinguir duas sortes de aparições, uma formada por uma condensação elétrica, verdadeira, fac-simile daquele que representa, isto é, que ocupe um lugar irreal no espaço; a outra não passa de uma visão mental criada pelo pensamento.

Occult Review forneceu em 1924, um exemplo da segunda forma.

A testemunha comunicou o seguinte facto:

«Não escrevo com a intenção de

reforçar os postulados espiritualistas, e nenhuma preferência especial tenho pelos que crêem na realidade do mundo psíquico, vou expor simplesmente, tão claramente quanto possível, as circunstâncias de um facto pessoal, que pode interessar os estudantes do ocultismo.

A 11 de abril de 1918, meu amigo H. W. H. foi morto num combate, em certo lugar da França. Só um mês depois é que vim a saber do ocorrido, porém o que surpreende é que a primeira notícia de sua morte foi-me trazida pelo meu próprio amigo.

Estava eu contemplando a maravilhosa cena de um pôr do sol, observando de tempos a tempos, o comportamento de um morcêgo saído do orifício de uma árvore. Certamente, nesse momento, o meu estado de consciência estava bem distante das locubrações referentes à morte e ao outro mundo.

No momento em que me encontrava no estado referido, uma idéia me invadiu subitamente: A beleza é uma revelação parcial do sentido oculto da vida; ela se revela no sentido de capacidade da compreensão.

— Sim, respondeu uma voz, a beleza é também o dom precioso do entusiasmo. O otimismo está junto ao coração das cousas; você compreenderá isto, quando tiver visto o que eu vi.

Voltei-me. Aquí, a meu lado, eu via a forma do meu amigo; para mim, o facto de sua sobrevivência após a morte, não deixava a sombra de uma dúvida. Contudo, nesse momento, eu não sabia que êle estava morto.

— Muito bem, exclamei, como H., ei-lo livre, e donde vem?

Estendi a mão para apertar a do meu bom amigo, que me vinha surpreender de maneira tão misteriosa e inesperada, porém minha mão se fechou no vazio. Eu havia falado a um espírito intangível a nossos sentidos físicos.

Antes de me recompor do espanto, a voz ajuntou: — Aquí é a morada permanente. Acabei para sempre com as contingências terrestres; a massa carne e sangue, que você denomina corpo, voltou ao pó, há diversas semanas. Eis a grande liberdade, maior do que aquela pela qual combatemos.

Seu sorrisso foi, então acompanhado por um cântico alegre e ligeiro como a brisa celeste. Era uma canção que jamais ouvi e de cujas palavras já não me recordo.

Tudo recaiu no silêncio que não mais foi interrompido a não ser pelo vôo dos pássaros noturnos.

Glifford W. Greatorex.

Duplo materializado visto numa igreja

Reproduzimos aquí um fenômeno cientificamente importante, porque corroborado por uma documentação que nada deixa a desejar. Relata-o William Stead, o eminente escritor, jornalista espírita inglês, e a êle mesmo ocorrido em uma igreja, onde percebeu o «perispírito materializado» de pessoa íntima, então enfêrma. A relação é bem longa, pelo que a resumimos. Em seguida o caso como o relatou W. Stead:

«Minha família e eu haviamos tomado lugar na primeira fila, eu pensei: «É curioso. Afigura-se-me que essa mulher é a nossa amiga! Mas, está claro, isso é impossível!» A recem-vinda parecia muito sofrer. O rosto, muito pálido, lívido, de aparência espetral. Vestida de preto, com grande chapeu negro, que eu reconheci, porque nossa amiga quasi sempre o usava em Londres... Comecei a sentir-me inquieto pela senhora que então acabava de reconhecer. Ela apresentava aspecto tão doente, olhos tão pisados que eu receiava vê-la caír desmaiada antes de terminar o serviço religioso. Durante o cântico, ela não se levantou... e o diácono lhe ofereceu um livro de orações que ela pegou, mas não abriu.

Então, uma senhora adida ao serviço, deu-lhe outro livro que ela tomou com ar distraído e depôs sôbre o banco. Assim permaneceu sentada até cantarem o último hino que escutou de pé. Durante os segundo e terceiro versos, com suas mãos apanhou o livro, mas não me pareceu que cantassse com os presentes. Durante o sermão, ela estava tão lívida que acreditei prêsa de uma crise. Procurei atrair a mim seus olhares, mas inutilmente. No momento da coleta, o coletor também a ela apresentou a sacola, porém nada deu. Durante

o último hino, ela depôs bruscamente o livro, rapidamente atravessou a nave e desapareceu. Tive o tempo de fixá-la bem e reconhecê-la sem equívoco possível. Porém ela não pareceu ter me reconhecido.

Corri imediatamente à estação da estrada de ferro, pensando encontrá-la no trem, de partida, mas lá não estava. Não a encontrei na rua, não a vi em parte alguma.

Voltei á igreja, supondo encontrá-la na sala de orações: Nada... Ela fôra vista por toda minha família, exatamente como por mim fôra vista, e foi reconhecida por todos, uns independentemente dos outros...»

Foi só na manhã seguinte que W. Stead recebeu uma carta da senhora A... comunicando-lhe ter estado muito mal no dia precedente, e então compreendeu subitamente ter assistido a um fenômeno de desdobramento. O relator ainda aduz o seguinte:

«Nem por um só momento podia eu duvidar da identidade daquela que eu havia visto. Era efetivamente ela, em seu aspecto, corpo, modo de andar e maneira de se vestir simplesmente, mas com originalidade. Múltiplas lâmpadas iluminavam o templo, e durante hora e um quarto, a senhora A... permaneceu diante de mim, bem iluminada, em meio a uma centena de pessoas. E, mais ainda, ela atravessou a nave antes de findar o serviço, portanto passou diante de todos, de cabeça erguida, perfeitamente reconhecível.»

Segue-se na relação a extensa lista de atestados pessoais pelo relator colhidos para validar o fenômeno...

⁂

Fenômeno Telepático

Mlle. Gustelink escreveu para a redatora de *Psychica*:

«Nunca fui sujeita à auto-sugestão. Nunca tal cousa me aconteceu, nem mesmo em sonho, porém durante dias tive quasi a certeza de uma manifestação de ultra-tumba.

Em Junho de 1915 estava eu casada, mais distante que nunca do ocultismo. Meu marido, bem como minha mãe, são testemunhas do facto que vou expôr.

Meu primo irmão Pierre Fabeyre partira em 1914 com sua classe (14) e incorporado no 69.° de infantaria. No momento de sua partida, seus pais mostraram grande otimismo, pensando que essa classe não entraria em ação. Para os socegar, meu primo cuidadosamente ocultava sua ida para o front. Êle afirmava estar na segunda linha e escrevia estar livre de perigos.

Ignoravamos, pois, que em Yser, Pierre combatia nas trincheiras mais expostas. Assim chegou êle a Neuville-St-Vast sem que tivessemos idéia exáta da situação.

Certa manhã de Junho, exatamente o dia 18, despertei sob a impressão de um sonho que imediatamente referi a minha mãe e a meu marido.

Vi minha tia em pesado luto, com véu de crepe que me dizia: «Pierre está ferido, mas não em estado grave. Dentro de pouco estará curado». Meu marido gracejou: «E' preciso tomar o inverso do sonho, quer dizer que Pierre não terá qualquer ferimento». O que me inquietava era o véu de crepe.

Pelas quatro horas da tarde, chegou-nos um envelope azul de Asnières, onde moravam nossos parentes, anunciando que Pierre estava ferido, comunicado feito por um camarada.

Após o primeiro choque, voltou-nos o otimismo.

Meu primo fôra ferido no peito ao deixar a trincheira. Transportaram-no para a ambulância de Haute-Avesne.

Dia seguinte, chegou-nos carta dêle, escrita a lápis.

«E' o bom ferimento, breve irei convalecer em casa».

Eu estava plenamente socegada e havia tomado o sonho à letra, deixando de lado o espírito, isto é, o véu de crepe que, infelizmente, eu deveria tornar a ver sôbre a fronte de minha tia.

Não experimentavamos, eu o repito, nenhum pressentimento sinistro, quando nos chegou a notícia da morte de meu pobre primo, ocorrida a 18 de Junho, na ambulância de Haute-Avesne.

Em consequência dêsse meu sonho impressionante, meu marido, cujo irmão desaparecera em Setembro de 1914, pediu-me tentasse vê-lo. Se bem que eu frequentemente me absorvesse nêste pensamento, nenhuma vidência me voltou.

⁂

Bela identificação de um espírito

De «Estudos Psíquicos»

«Two Worlds» de 5 de Maio último publica o seguinte relato que demonstra a realidade da sobrevivência e o interêsse dos desincarnados em provar a sua presença...

O Dr. F. H. Wood, professor de música na Universidade de Liverpool, contou na Sociedade de Investigações Psíquicas de Leeds como o seu falecido irmão escreveu pela mão de nm médium uma composição musical de que só êle, Wood, tinha conhecimento.

O irmão caira de um auto-carro de Marble Arch e faleceu no mesmo dia. O Dr. Wood ficou muito impressionado e da casa mortuária de Paddington jurou que havia de encontrar o irmão, se êle, de facto, existisse.

Afinal, foi o irmão que o encontrou!

Certo dia deparou com um desconhecido que lhe perguntou:

— Conhece alguém chamado Dennis Wood?

— Conheço. Mas por que? Era meu irmão.

O desconhecido pediu desculpa da liberdade que tomara e explicou que sua esposa era médium psicográfica e alguém, ao comunicar-se, pedíra o seguinte:

— Digam a meu irmão que venha falar-me. Sou Dennis Wood.

Na verdade, encontrar o irmão da entidade espiritual era o que se chama meter uma lança em África.

No domingo seguinte, o Dr. Wood foi a casa da médium. Depois de fazer algumas perguntas ao espírito comunicante que dizia ser seu irmão, e obter respostas satisfatórias, falou nestes termos:

— Se, realmente, és meu irmão, dáme prova concludente.

O espírito desenhou rapidamente cinco linhas paralelas com um sinál de clave e preencheu-as com as notas musicais de uma melodia. O Dr. Wood executou-a ao piano e disse:

— Era uma pequena ária que eu e meu irmão compusemos, quando andávamos na escola. Como ninguem mais a conhecia, foi a melhor prova que me podia dar.

Contando mais algumas experiências, o Dr. Wood referiu-se a numerosas sessões que realizara com o conhecido médium Tom Terryl. Numa delas, apresentou-se um espírito que dizia ser Johannes Brahms. O orador e um amigo seu que era violinista tocavam juntos, no momento em que Tom caiu em transe dizendo: «Sou Johannes Brahms». E a seguir. «Oh, guerra, maldita guerra! Infeliz Áustria!»

Isto foi durante a primeira grande guerra. O Dr. Wood tocou alguns trechos de Brahms, julgando auxiliar o espírito comunicante, que exclamou:

— Toque o meu sexteto em *si-bemol.*

O Dr. Wood ficou surpreendido. Conhecia bem o sexteto em ré, mas outro nunca o tinha ouvido.

Mais tarde descobriu então que o sexteto em *si-bemol* fora escrito em Viena, em 1862, já no fim da vida do compositor, que o considerava a sua obra mais valiosa.

Depois do médium despertar do transe, o Dr. Wood perguntou-lhe se sabia o que era um sexteto.

— O que é um sexteto?

Tom ficou um pouco atrapalhado; mas pensando um momento disse:

— Não é um instrumento de bordo?

Referia-se a um *sextante* e não fazia a mais pequena idéia do que era sexteto.

Como é que o médium falava de uma peça musical que o próprio Dr. Wood desconhecia, embora fosse perito no assunto?

O Dr. Wood é um investigador muito conhecido no tocante à antiga linguagem egípcia, pois realizou numerosas experiências, descritas no seu livro, intitulado «Ancient Egipt Speaks» (Fala o Antigo Egito).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

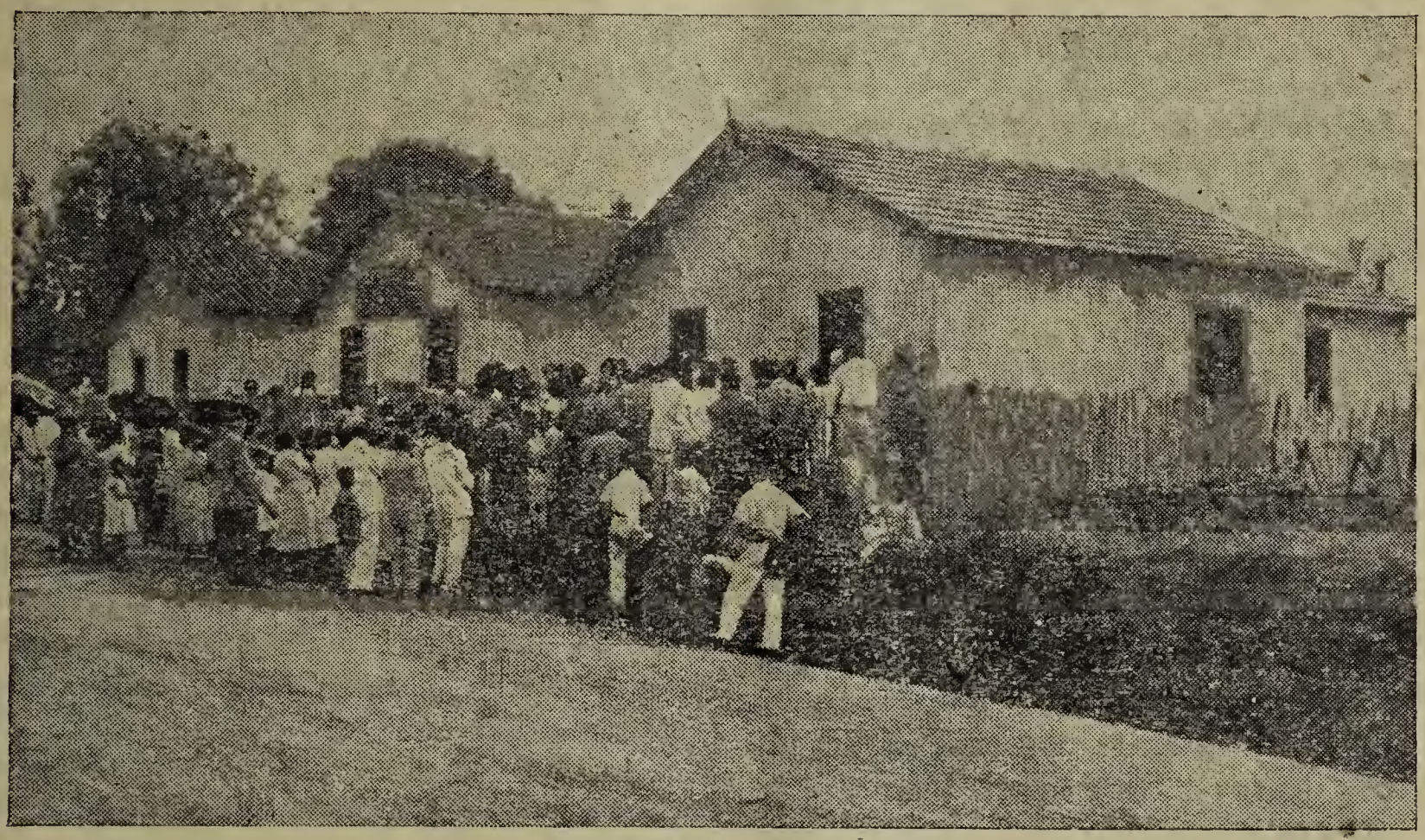
Inauguração da Vila «Cairbar Schutel»

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», dando cumprimento ao seu programa de assistência social, inaugurou no dia 23 de Setembro último, ás 15 horas, a Vila Cairbar Schutel, que já possúe um grupo de duas casas para quatro famílias pobres.

Compareceram ao ato, além dos espíritas locais, as Mocidades Espíritas de Catanduva, Taquaritinga e Araraquara.

A fita simbólica foi desatada pelo Dr. Jony Doin, da Capital. A seguir, a Mocidade Espírita de Araraquara cantou o hino espírita «Salve, Allan Kardec».

Usaram da palavra, os confrades Vicente Giglio, de Catanduva; Dr. Jony Doin, os companheiros Costa Filho e Carlos Vital Olson, que deram por inaugurada a Vila e agradeceram a presença dos que, num gesto de solidariedade, compareceram àquêle ato cristão. A seguir, a Mocidade Espírita de Matão cantou o hino espírita «Amor e Fraternidade».



Fotografia tirada no momento em que falava o Dr. Jony Doin

Aos nossos assinantes

O nosso companheiro João Leão Pitta, achando-se enfêrmo, e não podendo por êste motivo prosseguir na sua excursão de propaganda da Doutrina, nomeou provisoriamente, até que possa reiniciar a sua tarefa, como representantes locais nas seguintes cidades, os srs.:

Em Itapetininga, Achiles Brochieri.
Capão Bonito e Guapiara, Antonio Bernardes de Freitas.
Itapeva, Mauricio de Oliveira.
Ribeirão Branco, Domingos Martins.
Itaberá, D. Josefina Silva Mello.
Itararé, Jorandir Pimentel.
Ponta Grossa, Alvaro Holzmann.
Reserva, Herval de Baixo e S. Wenceslau, Placido Rodrigues Filho.
Rebouças, João Laurindo.
Palmeira, Arthur Krembeck.
S. Mateus, Nortemio Bastos.
Iratí, João Dulka.
Lapa, Pedro Alvares Paquete.
Antonina, D. Maria José Wanderlei.
Paranaguá, René Rizental.
Morretes, Antonio José G. Filho.
Curitíba, Olegário Ayres de Arruda.

João Eugenio, D. Leopoldina G. Cordeiro.

Aos nossos assinantes em atraso, residentes nas cidades acima mencionadas, solicitamos o obséquio de procurarem os representantes indicados para regularizarem a sua situação para com êste órgão, o que muito agradecemos.

Apêlo aos nossos assinantes em atraso

Solicitamos encarecidamente aos nossos prezados assinantes em atraso, onde os nossos representantes-viajantes não chegam, o grande obséquio de nos remeterem a importância de suas assinaturas da Revista, pelo correio sob registro com valor declarado, vale postal ou cheque, ou procurarem os representantes locais, se existirem na localidade.

Um número muito elevado de assinantes em atraso, está nos pondo em sérias dificuldades na manutenção dêste órgão, o que nos obriga a fazer êste apêlo, que esperamos ser atendido, não pelos que já estão em dia com esta Redação, mas sim pelos que estão atrasados no pagamento de suas assinaturas, ás vezes em mais de um ano.

Cada assinante cumprindo o seu dever, a nossa tarefa será menos árdua.

A Redação.

O Natal em Matão

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», seguindo o programa do seu fundador, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, realizou no dia 25, ás 14 horas, o tradicional Natal dos Pobres.

Usou da palavra nessa ocasião, o companheiro Watson Campêlo. A seguir recitaram poesias as seguintes meninas da Aula de Moral Cristã Cairbar Schutel: Janice Gandolfi, «Quem é meu próximo»; Natie Prudencio, «A lenda dos Miosótis»; Ignez Alvez, «A Fé», e o jovem Sebastião Casadei de Oliveira, «Credo».

A seguir foram distribuidos gêneros alimentícios e roupas a 184 famílias pobres, bem como sanduiches aos presentes.

— A' noite, ás 20,30 horas, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou uma sessão comemorativa do Natalício de Jesus. Usaram da palavra os companheiros Costa Filho e Carlos Vital Olson. A srta. farmacêutica Zelia Silveira Perche leu um trecho evangélico referente ao dia e a Prof. D. Izabel Perche de Camargo leu um oportuno escrito.

Goiaz Espírita

Entrou no seu quinto ano de circulação, em Outubro último, o nosso prezado colega «Goiaz Espírita», que se publica em Goiânia, Capital do Estado de Goiaz.

Aos seus distintos diretores e auxiliares, o nosso abraço congratulatório.

De Itapira

A Associação Espírita Centro «Luiz Gonzaga», realizou no dia 2 de Novembro último ás 20 horas, um festival espírita no qual foi desenvolvido o seguinte programa:

I—Prece; II — Poesias, alocuções e pontos; III — «História de Cegos»; dramatização em um ato, de Leopoldo Machado, com as seguintes personagens: 1.º cego, Olivio Momesso; 2.º cego, Rubens Raimundo; 3.º cego, Antonio Pugina. IV — «Conversão da Rica», dramatização em um ato, de Leonardo Severino, com as seguintes personagens: Rica, Zilda R. Lopes; Centro, Alzira Fragoli; Evangelho, Luiza A. Nicolai. V — Encerramento.

Do Correspondente.

De Bebedouro

Realizou-se no dia 18 de Novembro último, o lançamento da pedra fundamental do novo prédio do Albergue Noturno desta cidade, a ser construído em terreno do Centro Espírita do «Calvário ao Céu».

O Albergue terá 10 leitos e contará com dois quartos, um para homens e outro para mulheres.

A campanha pró-construção dessa obra iniciou-se em Agosto último e espera-se que o Albergue fique pronto em Dezembro.

Do Correspondente.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$	40,00
	Semestre —	„ „		20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada		50,00
	Semestre —	„ „		25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples		45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada		60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 827 XL
02-06-07 32180
ILF Group